

ALINHAVANDO SONHOS

Para a maioria das mulheres capacitadas no curso básico de costura da Ação Social Caminheiros de Antônio de Pádua, a formação resultou em grandes e significativas transformações em suas vidas

Retalhos que transformam vidas

Costurar vai além de ser uma atividade profissional. Serve como terapia para aliviar as dores da alma. Para Ana Maria Matias da Silva, 44 anos, nascida em Taguatinga, mãe solo de quatro filhos, participar do curso básico de costura promovido pela Ação Social Caminheiros de Antônio de Pádua (AscapBsB) — organização da sociedade civil sem fins lucrativos, com sede em Ceilândia —, foi a corda que a tirou do fundo do poço. “Eu estava com depressão, preocupada sobre como criar meus filhos”, diz ela, que hoje tem na costura a principal fonte de renda.

O encontro com a Ascap ocorreu em setembro do ano passado. A época, Ana Maria morava no Sol Nascente, quando viu o banner do curso na parede da instituição. Era tudo o que queria, uma vez que não poderia mais continuar como diarista. Estava proibida pelo médico de fazer grande esforço físico devido à artrose em grau máximo na perna direita.

A adversidade obrigou Ana Maria a se mudar para a casa da mãe, em Águas Lindas, cidade de Goiás vizinha ao Distrito Federal, a cerca de 30km. Lá, ela tem seu local de trabalho e, ainda, fica ao lado dos filhos, da mãe e dos irmãos. Uma boa casa, com espaço para as crianças brincarem sob o olhar e cuidados devidos.

Como não poder trabalhar com quatro filhos para sustentar? Era a pergunta que lhe causava desassossego. Os médicos recomendaram-lhe não sair sozinha. O nível de depressão indicava que estava à beira de um ato extremo. “Muitas vezes pensei em me matar. Não cometi suicídio por causa dos meus filhos”, recorda, emocionada, Ana Maria.

Para ela, o anúncio do curso básico de costura na parede da AscapBsB veio como tábua de salvação. Ana se inscreveu logo no dia seguinte. “Voltei a ter vida a partir das aulas. Hoje, a depressão acabou e estou em fase de desmame dos medicamentos”, festeja a transformação que o aprendizado provocou em sua vida. Ana diz que recuperou a autoestima e a alegria de viver. Aprender a costurar, ainda que tenha

Arquivo Pessoal



Formatura das turmas 10, 11, 12 e 13, em 25 de março: 41 alunas festejam a vitória conquistada e fazem planos para o futuro

sido o básico, permitiu que ela trabalhe em casa. Na rua, é reconhecida como “Ana, a costureira”. Ela comemora também o impacto da sua mudança na família. “Meu filho mais velho, de 19 anos, não mais vive triste e preocupado em trabalhar para ajudar no sustento da família. Embora ele esteja trabalhando, estuda e pretende fazer uma faculdade”, acrescenta.

O primeiro teste como costureira foi o desafio de fazer uma roupa de Mamãe Noel para uma das irmãs e para a amiga dela, engajadas nas atividades da Igreja Católica local. “Quando minha irmã me pediu para fazer a roupa fiquei com receio, mas ela me convenceu a dar conta do recado”, recorda. Tudo deu tão certo que “Ana, a costureira” tem encomendas para o próximo Natal. No dia a dia, ela produz vestidos, faz consertos e não para de trabalhar a semana inteira. “Como não posso fazer esforço, hoje trabalho sentada. As fortes dores que sentia no joelho

passaram. E já consegui comprar duas máquinas, uma delas overlock, para fazer um acabamento melhor nas peças que costuro”, diz, exibindo um sorriso largo de mulher vitoriosa.

Assim como “Ana, a costureira”, Maria Lucicleide Mesquita Monteiro, 50 anos, nascida e moradora de Ceilândia, viu no curso básico de costura uma oportunidade de suprir suas carências emocionais e materiais. “Foi a melhor coisa que me aconteceu. Mexeu com o meu psicológico. Nas aulas me sentia acolhida, muito querida. Me arrumava toda, como se fosse sair para um evento muito importante”, diz Lucicleide, sempre chamada de Cleide pela família e pelas amigas que conquistou durante o curso. Receber um abraço da professora Suzete Cunha, a Suzy, na chegada à AscapBsB para mais uma aula, era um lenitivo para aliviar o desconforto causado pela tristeza que carregava no coração, devido às dificuldades enfrentadas.

Cleide coleciona adversidades desde criança. Perdeu a mãe para um câncer devastador aos cinco anos. Ela e os seis irmãos foram criados pelo pai. Na casa não tinha fogão. As meninas dormiam todas em um colchão de casa e os meninos, um deles de nove meses, em outro. O irmão mais velho teve paralisia. A irmã mais velha fugiu de casa com um homem e foi para São Paulo, onde ganhou na loteria e acabou assassinada por companheiros, por causa do dinheiro.

Aos 13 anos, Cleide casou, foi morar na casa da sogra e, aos 16, já era mãe de dois filhos. Na fase adulta, conseguiu emprego de cozinheira em um restaurante de Taguatinga. As fragilidades físicas surgiram e as impediram de continuar trabalhando. Há mais de um ano tenta se aposentar, sem sucesso, pelo INSS. O marido convive com problemas de saúde e não tem trabalho fixo, o que torna a sobrevivência do casal muito difícil.

Mas seu entusiasmo com o curso de costura contagiou a família. O filho lhe